

Resenha

HORGAN, John. *Psicología del Terrorismo: Cómo e por qué alguien se convierte en terrorista*. Trad. Joan Trujillo Parra Barcelona: Gedisa, 2006.

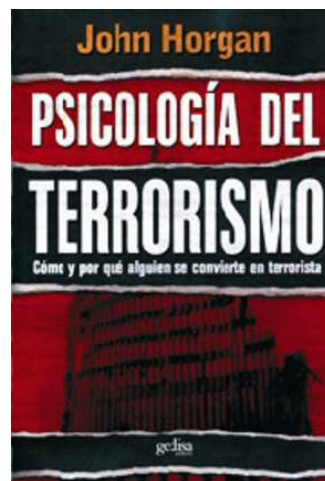
Marta Sianes Oliveira de Nascimento*

O objetivo principal do livro é explorar como a psicologia e o conhecimento dos processos psicológicos podem ser utilizados para compreensão do fenômeno do terrorismo. Horgan** apresenta os conhecimentos psicológicos já consolidados sobre o terrorismo, aponta os espaços vazios na exploração psicológica sobre o tema e mostra a necessidade de uma abordagem multidisciplinar para o seu estudo. O autor propõe uma abordagem que considera o terrorismo como um processo composto de fases – envolver-se, manter-se envolvido no terrorismo, participar de ações terroristas e abandonar o terrorismo.

No capítulo 1 – **O que é o terrorismo** –, Horgan analisa a dificuldade de elaborar um conceito sobre terrorismo devido à complexidade e às controvérsias e imprecisões que envolvem o tema. Discute aspectos como os objetivos, os resultados imediatos e o objetivo final da violência, a natureza das vítimas, os métodos empregados, as atitudes e reações emocionais diante do terrorismo e dos terro-

ristas, a percepção da “causa” terrorista e das ações terroristas propriamente ditas, as formas para identificar as ações terroristas em comparação com a

guerra convencional, com a guerra psicológica ou outras formas de violência. O autor ressalta que, em uma perspectiva psicológica, a dimensão política do comportamento terrorista talvez seja a característica mais significativa para diferenciá-lo de outras ações violentas. O medo, a incerteza e as reações geradas na população são respostas emocionais que se traduzem em ação eficaz de comunicação e expandem sua influência, o que mostra a importância do estudo nessa área para quem se propõe a estudar o terrorismo e a conduta terrorista.



* Psicóloga pela UFRJ, Mestre em Ciência da Informação pela UnB, Especialista em Recursos Humanos pela UFRJ.

** John Horgan é catedrático do Departamento de Psicologia da University College de Cork, Irlanda, e já publicou diversos estudos na área do terrorismo e da psicologia forense. Publicou, junto com Max Taylor, o livro *The future of terrorism*.

No capítulo 2 – **Compreendendo o Terrorismo** –, Horgan enfatiza que é preciso ultrapassar a questão da definição (falta de) e da visão focada em determinadas características do ato em si – *modus operandi*, escala de destruição e danos materiais, por exemplo – e refletir sobre a heterogeneidade que envolve o fenômeno: diversidade de propósitos e motivos, tamanho, estrutura organizativa, táticas, seleção de alvos, capacidade, recursos, ideologia, composição nacional, base cultural e tantos outros.

O autor aborda a importância dos estudos na área da psicologia do terrorismo, especialmente para compreender o porquê de alguém se tornar terrorista e levanta alguns pontos que precisariam ser aprofundados: o contexto sociopolítico que origina, sustenta, dirige e controla a conduta terrorista; o levantamento do perfil pessoal do terrorista e dos líderes; a natureza de seu processo de grupo: como se processam a coesão psicológica, a solidariedade mútua, a confiança dos membros e a fé em suas convicções, como se estabelecem seus rituais, entre outros. Ao tratar dos métodos e das fontes mais adequados para o estudo psicológico, o autor discute a questão da importância de se obter dados fidedignos, uma vez que informações primárias e privadas com terroristas encarcerados ou com pessoas que sejam ou tenham sido membros de uma organização terrorista são, obviamente, difíceis de conseguir. As fontes de informação costumam serem indiretas ou secundárias, como parentes, amigos, antigos colegas, inimigos, diários, biografias e livros de memórias, o que diminui sua fidedignidade. Os “comunicados terroristas” emitidos para reivindicar a responsabilidade por um atentado concreto também são considerados pelo autor como

fontes úteis de informação e necessitam de estudo especializado.

Embora o autor assevere que o estudo de campo, além do perigo, traz restrições morais, éticas e legais e que, além disso, as organizações terroristas são clandestinas e protegem seus segredos, relata algumas experiências em que entrevistas com terroristas foram feitas com bons resultados.

No capítulo 3 – **Enfoques individuais** –, Horgan analisa que se os estudos tiverem como foco o resultado do atentado – quantidade de destruição e sofrimento humano – corre-se o risco de entender a conduta do terrorista como um comportamento totalmente anormal ou relacionado a alguma psicopatologia. Argumenta que, embora ainda hoje se busque a definição de uma “personalidade terrorista”, de uma anormalidade característica ou da predominância de determinados traços de personalidade no terrorista, os estudos realizados por psicólogos, dentro de um enfoque individualista, especialmente nas décadas de 1970 e 1980 e após os atentados de 11 de setembro, são considerados incipientes e não admitem generalização ou predição. O autor apresenta abordagens e estudos que procuraram definir um perfil psicológico do terrorista e relacionar o terrorismo a psicopatias, a influências psicodinâmicas, a fatores psicológicos, sociais e biológicos e aos fenômenos da frustração-agressão, do narcisismo e do narcisismo-agressão, mas discute algumas incoerências, incompletudes ou inconsistências nas conclusões, especialmente pelo pequeno número de casos estudado. Destaca, ainda, a ausência de estudos psicológicos da área que abordem o tema sob diferentes perspectivas e níveis, a carência de investigações psico-

lógicas aplicadas a terroristas e a existência de problemas conceituais e metodológicos, considerados obstáculos complexos que limitam os pesquisadores e suas pesquisas e que talvez possam ser considerados a principal causa dos poucos avanços nas investigações realizadas. Horgan aborda a falta de provas da anormalidade do terrorista e enfatiza que ao ser confrontado com comportamentos incomuns e extremos, a exemplo de atitudes vindas de terroristas, fica difícil reconhecer que o que está à vista é o resultado de uma vasta série de atividades e sucessos, todos correlacionados, mas que somente a *posteriori* ganharam sentido. Um estudo psicológico sobre o tema precisa considerar aspectos históricos e biográficos, o contexto, as diferenças culturais e, principalmente, assumir que a heterogeneidade é o fator emergente que predomina em todos os grupos terroristas. Horgan finaliza afirmando que as teorias que definem o terrorista como possuidor de uma “anormalidade” persistem até hoje, o que prejudica bastante a abordagem psicológica do terrorismo e a compreensão do motivo de alguém se tornar terrorista.

No capítulo 4 – **Converter-se em terrorista** –, o autor assegura que buscar compreender os processos psicológicos que levam uma pessoa a tornar-se terrorista e entender o processo de “iniciação” da pessoa que se envolve com a prática terrorista possibilitariam identificar os pontos de intervenção mais óbvios para as iniciativas antiterroristas e de prevenção da violência política. Além disso, essa abordagem, que guarda semelhanças com o estudo da criminologia, tornaria possível extrair um significado das teorias psicológicas sem depender de definições do fenômeno ou do perfil do terrorista. O autor tece algumas considerações sobre os fatores que levariam ao surgimento do

terrorismo, mas afirma que as ações terroristas se mantêm por motivos, às vezes, muito diferentes daqueles que as iniciaram. Outra questão abordada em relação às causas é que elas diferem bastante quando a pergunta é “por que alguém se torna terrorista?” e quando a pergunta se refere ao “como”. Para o autor, embora os enfoques individuais não sejam produtivos para definir perfis ou caracterizar uma “personalidade terrorista”, podem ser um caminho interessante para investigar por que alguém se envolveu com um grupo terrorista e identificar alguns fatores pessoais, situacionais e culturais que podem levar a avanços nos estudos.

Por meio de entrevistas com terroristas encarcerados, verificou-se que muitos justificam seu envolvimento com o terrorismo como uma reação defensiva inevitável, fazendo referência a uma sensação de legitimidade em relação às ações do grupo ou da comunidade vítima da injustiça. Não se sabe se esta resposta se deriva de uma percepção pessoal ou de uma “verdade” aprendida no curso da militância. Nas entrevistas, dois fatores vistos como atrativos foram a “identificação” – sensação de pertencer a um determinado grupo com métodos e motivações que o diferenciam – e as vantagens percebidas em sua relação com a comunidade que assegura representar: apoio, status e admiração, por exemplo.

Horgan, com os dados obtidos em entrevistas, analisa o processo de iniciação – caracterizado pela progressão em relação às tarefas a que o recruta vai sendo submetido e aprovado –, o de socialização e implicação gradual – que possibilita o alcance de postos de mais prestígio e influência – e o de recrutamento e investigação de antecedentes sob o ponto de vista

da segurança interna e dos conhecimentos, das atitudes e das habilidades necessárias. Ele volta novamente à pergunta de por que alguns indivíduos saem da condição de simpatizantes do movimento e passam a ser realmente membros ativos do grupo e novamente responde que não há dados que confirmem a existência de traços especiais de personalidade ou de anormalidade. No entanto, levanta como hipótese que fatores como experiências com o conflito, contexto da comunidade e percepção de sua importância, natureza e grau de socialização, sentimento de insatisfação ou desilusão, oportunidade de contato com o movimento ou com os grupos terroristas poderiam ser considerados fatores potenciais de risco e prováveis “indutores de predisposição”.

No capítulo 5 – **Ser Terrorista** –, Horgan argumenta que é muito difícil distinguir entre os processos de “tornar-se terrorista” e o de “ser terrorista” pois, embora apenas o segundo esteja associado à atuação em ações terroristas concretas, no contexto do terrorismo a noção de pertencer, estar associado, afiliado ou dar apoio ou ajuda ao grupo já é bastante significativa. O autor trata a ação terrorista ou o “incidente” terrorista como uma atividade bastante complexa, planejada e organizada, onde um determinado número de pessoas assume funções e papéis distintos. O autor, recorrendo a conceitos da literatura criminológica, analisa as diferentes fases da ação terrorista: (1) decisão e busca – seleção do alvo concreto e identificação dos meios para realizar o atentado; (2) preparação ou atividade pré-terrorista; (3) execução do atentado; e (4) atividades posteriores (fuga ou suicídio e destruição das provas) e análise estratégica. Horgan aborda os aspectos logísticos, financeiros e de Inteligência, destacando as

questões de seleção, preparação e treinamento especial do pessoal envolvido no atentado. Aborda o processo de influência do grupo e da organização sobre os membros para intensificar a militância e levá-los a participar de ações terroristas. Nesta perspectiva, ao considerar o terrorismo como um *processo de grupo*, mais uma vez, mostra a importância de analisar os processos psicológicos que incidem sobre o indivíduo quando ele a) une-se a um grupo terrorista; b) mantém-se filiado ao longo do tempo; c) executa ações terroristas concretas; e d) decide abandonar a militância. Discorre sobre os principais processos psicológicos e sociais envolvidos na manutenção da motivação, da conformidade, da obediência, da solidariedade e do compromisso inquestionável aos ideais grupais: afiliação, obediência à autoridade, disciplina, desenvolvimento de uma linguagem especial, desumanização do inimigo, justificativa para os atos, “rotinização”, “desindividualização” e restrição social. Ressalta que conhecer a influência desses processos psicológicos ajudaria a entender de que forma se dá a ultrapassagem da barreira entre ser simpático à causa terrorista (mais ligada a questões pessoais e a valores e, portanto, difíceis de identificar e mudar) e atuar diretamente em ações terroristas. Sugere que usar este conhecimento nos interrogatórios de terroristas pode contribuir para avaliar melhor a pessoa, reconhecer os perigos potenciais a que estão sujeitos e interferir para minimizar seus efeitos.

No capítulo 6 – **Abandonar o terrorismo** –, o autor aborda a questão de por que e como alguém abandona o terrorismo – voluntária ou involuntariamente – e destaca que “abandonar” o terrorismo significa abandonar todas as normas sociais, valores, atitudes e aspirações com-

partilhadas durante a militância em um grupo terrorista. Afirma que é o mesmo processo que ocorre quando um indivíduo se envolve com o terrorismo e precisa passar para a clandestinidade e abandonar a vida social, os valores, as atitudes e as aspirações cultivadas anteriormente.

Analisa ainda que, embora os ideais, os valores do grupo, a obediência, a conformidade e a restrição social sejam processos importantes para a manutenção do indivíduo no grupo terrorista, sendo, muitas vezes, responsáveis pela participação direta na ação terrorista, esses processos são justamente os que podem levar a um desgaste e a suscitar o desejo de abandonar tudo, de recuperar coisas perdidas. O desencanto com a experiência vivida atende tanto a situação de envolver-se quanto a de abandonar o terrorismo.

Horgan afirma que as pressões psicológicas que seguem o ex-terrorista são tão intensas que muitos acabam por entregar-se às autoridades, denotando o desejo de começar uma nova vida. Mas, obviamente, a reinserção de terroristas na sociedade é um ponto bastante delicado e muitos acabam se envolvendo em outros tipos de atividade criminosa. De qualquer forma, o autor salienta que o tema é complexo, pouco estudado e a maioria dos dados existentes provêm de fontes autobiográficas.

No capítulo 7 – **Análise, integração e resposta** –, Horgan retoma pontos abordados anteriormente, que revelam o fracasso das análises psicológicas desenvolvida até hoje, em especial: (1) a definição de um perfil psicológico do terrorista, que surge como uma tentativa atrativa e plausível, mas mostra-se simplista e inócua, considerando a complexidade e a heterogeneidade do fenômeno; e (2) a falta de identificação de condutas associadas a

todas as fases do processo do terrorismo. Reitera que os avanços nos estudos psicológicos são insignificantes, que estão voltados para pontos que em nada contribuem para a solução do problema e que, muitas vezes, trazem resultados equivocados.

Outra questão que o autor destaca neste capítulo é a necessidade de abandonar a questão da definição – o que é terrorismo – e dirigir os esforços para compreender como as ações terroristas influenciam e alteram o panorama político. O autor assinala que os governos tendem a colocar nas forças de segurança a responsabilidade do combate e da solução para o terrorismo, mas a luta antiterrorista deveria voltar-se para ações de compreensão do fenômeno, visando à prevenção. Nesta perspectiva, a primeira ação deveria ser buscar entender o terrorismo como um processo composto de fases – envolver-se, manter-se envolvido, participar de ações terroristas e abandonar o terrorismo –, o que demandaria uma ênfase no estudo dos processos psicológicos envolvidos em cada fase.

Horgan discute a dificuldade de conciliar interesses e motivações de pesquisadores acadêmicos com as percepções da área de Inteligência em relação ao fenômeno do terrorismo e, principalmente, a dificuldade de desenvolver um sistema para troca de informações entre essas entidades. A ausência de uma relação de confiança e o fato do tema envolver a segurança nacional são fatores que maximizam a falta de cooperação e dificultam a concepção de uma estratégia coerente e prática para prevenir futuros ataques ou minimizar seus efeitos.

Apesar de todas as dificuldades apontadas, o autor salienta a necessidade de aprofundar os estudos psicológicos sobre o processo do terrorismo, em suas diversas fases.